



Os espaços expositivos como extensão da sala de aula

Ana Beatriz Campos Vaz¹
Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Neste texto, que é um excerto da Dissertação de Mestrado em Artes Visuais, na linha de Ensino da Arte e Educação Estética, concluído no ano de 2015, pela Universidade Federal de Pelotas, discuto os espaços expositivos como extensão da sala de aula e como exercícios do olhar, por meio de trabalho realizado com alunos de 8ª série. A pesquisa foi construída sob a orientação da Professora Doutora Ursula Rosa da Silva e aborda a arte contemporânea sob a visada do cotidiano e da experiência estética em sala de aula. O estudo ocorreu com a minha turma de alunos, na Escola Estadual de Ensino Médio Frei Plácido em Bagé-RS, os quais foram acompanhados no decorrer das séries finais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Espaços expositivos; sala de aula; exercícios do olhar.

O texto traz reflexões acerca das visitas aos espaços expositivos como forma de alargamento do olhar. Ao nos relacionarmos com esses locais, a nossa imaginação entra em sintonia com o mundo de outra forma. Penso que nada substitui o contato direto com a obra do artista, uma vez que a imagem reproduzida, por melhor resolução que apresente, não reflete o que a experiência direta pode proporcionar.

A exposição coloca em prática as tensões que as obras nos apresentam e as relações que podemos estabelecer entre elas. Ainda que as obras possam se mostrar heterogêneas em suas linguagens, permitem-nos uma visada sobre a produção do artista, em caso de mostras individuais, bem como a proximidade ou o embate em se tratando de mostras coletivas. A exposição manifesta o desejo de socialização do artista (Bourriaud, 2011) e como tal é dinâmica, já que as relações se efetivam no momento em que se entra em contato com o trabalho do artista.

Essas demandas integram as minhas propostas de trabalho justamente por pensar que ao promover o contato direto com a obra de artistas amplio o espaço da

¹ Mestra em Artes Visuais, na linha de Ensino da Arte e Educação Estética, pela Universidade Federal de Pelotas. Graduada em Educação Artística - Habilitação Artes Plásticas e Especialização em Ensino de Artes Visuais pela URCAMP- Bagé - RS. Atua como professora, no ensino fundamental e médio, na Escola Estadual de Ensino Médio Frei Plácido em Bagé - RS.



sala de aula. Tais eventos imprimem outra relação com as obras, na medida em que permitem a troca entre as produções e o imaginário dos alunos. Pois, por meio deste contato, o corpo é instigado a experimentar o lugar e acionar outros sentidos, ao abrir para leituras e interações que as reproduções, disponibilizadas em sala de aula, não dão conta de dimensionar.

Com tais propósitos promovi a visita às exposições – *Êxodos*, de Sebastião Salgado, e *Iberê Camargo Um Homem a Caminho* – ambas no *Da M'aya Espaço Cultural* em Bagé-RS, em 2014. Ressalto que, neste período, os alunos estavam na 8ª série do ensino fundamental e essa era a última turma do ensino fundamental de oito anos da Escola. O grupo de alunos foi acompanhado por mim em todas as séries finais do ensino fundamental e foi de uma saída com eles, pelo entorno da Escola, durante a 6ª série, que se originou a pesquisa de Mestrado.

Do mesmo modo ocorrido em relação a outras exposições, propicieei, antes da visita, a relação com alguma obra do artista evidenciado. Como infere Martins (2012, p.18) a respeito da mediação: “É preciso pensar em desafios instigadores e estéticos, com comentários estimulantes e questões instigantes para as quais não há respostas óbvias”. Esses cuidados são efetivados nas propostas desenvolvidas e nesse caso, foi mostrada, em aula, a fotografia *Etiópia* (1984), a propósito da qual os alunos realizaram leitura de forma interpretativa sem ter referência fornecida por mim, sobre quem havia feito a imagem nem de que se tratava, inclusive sendo omitido o título. Diversas abordagens foram apresentadas e discutidas. Após essa etapa, sugeri que pesquisassem sobre Sebastião Salgado. Na pesquisa, entraram em contato novamente com a referida imagem e só assim souberam que *Etiópia* se tratava de uma obra do renomado fotógrafo.

No local expositivo a indicação era para que olhassem e escolhessem alguma imagem que a princípio chamasse mais a atenção. Várias respostas surgiram e pude constatar-las na volta à sala de aula. No local, observei que se movimentavam bastante e, entre si, comentavam o que notavam.

No próximo encontro, debatemos sobre o que viram, a respeito das pessoas que foram retratadas, a propósito do modo como se posicionavam diante da câmera



e sobre o que o artista manifestava com relação a sua forma de trabalho. Também abordamos sobre os processos fotográficos efetuados de maneira analógica e digital. Assim, sugeri que percorressem a Escola e realizassem fotografias a partir do que observaram. Um diferencial da proposta é que os trabalhos poderiam ser efetivados em grupo, se assim desejassem. A execução dos trabalhos em grupo é pertinente, na medida em que, ao promover a interatividade, as ações podem se tornar mais prazerosas. Outro ponto a considerar é o favorecimento da troca de olhares sobre o mesmo foco, sem contar a negociação que se perpetua no momento da efetivação da atividade.

De tal maneira os olhares se detiveram em pequenos eventos ordinários. Tais eventos foram perseguidos na própria Escola, na qual convivem diariamente, e ficaram registrados em fotografias, por exemplo, de um brinquedo da pracinha sem a presença de ninguém que lhe fizesse uso, ou ainda uma moldura encontrada no lixo, no fundo da Escola, que serviu de motivo para a produção de outra imagem em que a figura humana foi o foco principal. Desse modo, a visita propiciou que os alunos olhassem para o entorno próximo com um olhar do viajante como propõe Sérgio Cardoso (1988). Segundo o autor o olhar viajante é curioso, vai à procura. Foi com essa curiosidade que os olhares se lançaram pelo espaço expositivo e, no retorno à Escola, em busca de elementos para a realização dos trabalhos.

A outra exposição visitada no ano foi a de Iberê Camargo que trouxe à cidade parte do acervo do artista.

Saliento que já havia trabalhado com obras de Iberê Camargo em anos anteriores e mais especificamente no ano de 2013, ocasião em que abordei sobre seu trabalho com os *carretéis* e as *bicicletas*. A esse respeito, foi desenvolvido um projeto sobre os brinquedos e os artistas. O projeto possibilitou a realização de pesquisas em que os alunos entrevistaram pessoas em relação a seus brinquedos. Houve o resgate de brincadeiras e brinquedos que eram usados, entre outros, por seus parentes mais próximos, como pais e avós. Esses brinquedos serviram de referência para a pesquisa que tratava dos brinquedos e a forma como os artistas os abordavam em suas obras.



Mesmo que já tivessem contato com o trabalho de Iberê, como já aludido, foi solicitado aos alunos que conhecessem o *site* da *Fundação Iberê Camargo*. Assim, os alunos foram procurar mais informações sobre o artista, para que, ao visitar a exposição, pudessem aprofundar um pouco o que já sabiam por meio das informações obtidas. Por considerar como parte do trabalho do professor a preparação para qualquer ação, vejo-a no caso específico das visitas às mostras assumir caráter fundamental, na medida em que o fato de conhecerem sobre o artista aumenta o interesse. Essa impressão foi referendada por eles quando do regresso à Escola e até mesmo no próprio espaço expositivo na presença dos mediadores. Tornou-se visível, quando manifestaram orgulho ao dizer que já haviam avistado determinado trabalho, ou ainda, que haviam reconhecido alguma técnica ou até mesmo alguma peculiaridade sobre o artista.

Inúmeras impressões foram anotadas pelos alunos a respeito do que viram. Havia sugerido que observassem as obras de perto e de forma afastada, de maneira que registrassem se existia alguma diferença na forma de contemplar as imagens. Além disso, referi sobre as distinções, caso houvesse, entre a visão das obras ao vivo e às que haviam visto através de cartões com reproduções de obras que foram disponibilizadas pela *Fundação Iberê Camargo*.

Creio ser pertinente trazer alguns depoimentos sobre a visita, que foram realizados a partir de questionários elaborados por mim, e o faço a seguir:

Aluno I: — [...] percebi que para mim no começo não tinha diferença, mas depois percebi que é tão diferente olhar de perto todos aqueles traços confusos, coloridos [...] vemos detalhes olhando de perto que nunca iríamos perceber de longe. Eu achei o Iberê diferente e isso é bom normalmente as pessoas são quase todas iguais.

Aluno II: — [...] observei que os rostos, tinham pequenos detalhes que faziam grande diferença no todo. Por isso prefiro ver as obras ao vivo, pois assim consigo ver detalhes que vendo nas pranchetas não conseguia observar.

Aluno III: — [...] prefiro ver ao vivo porque podemos ver os detalhes bem melhor até as cores da velhice do papel é bem legal.



Aluno IV: — *Iberê gostava de fazer obras da nossa vida cotidiana.*

Pelos depoimentos apreendo à referência aos detalhes e ao cotidiano. O cotidiano ou a mais corriqueira relação com o que nos cerca pode ser aventada da forma proposta por Certeau (2009), desde que dediquemos, a tais ocasiões, uma atenção diferenciada. Essa atenção distinta ao cotidiano permeou a pesquisa e foi referência nas propostas de trabalho.

Creio que, ao percorrer os espaços expositivos com eles, proporciono a vivência o mais perto possível do trabalho do artista. O acesso direto à obra ocasiona um envolvimento maior, haja vista as declarações acima.

Após a visita foram realizados trabalhos que buscaram, a partir do que experimentaram, motes para as produções. Um aluno arrolou um objeto do cotidiano colocando-o em um novo contexto. A cabeça da boneca, que seria de sua mãe, virou bola. *Perdeu a cabeça* (título que o aluno deu ao seu trabalho em fotografia) trouxe um novo enfoque para o objeto.

Desse modo, a partir da obra de Iberê Camargo, que repetia o elemento, diferenciando-o pelo enfoque, muito mais que pelas distintas técnicas empregadas, o aluno escolheu o seu objeto, com o qual estabeleceu uma relação significativa e para o qual dedicou tempo e atenção. Atenção aos detalhes que foram referidos nos relatos sobre as obras de Iberê.

Ao retirar o objeto de seu contexto, como foi o caso, em que a cabeça deixou o corpo da boneca para assumir outro lugar, foi desconstruída a sua função. Não a função de brinquedo, esta permanece. Porém, um novo olhar foi proposto. O autor aparece brincando e talvez se divertindo com a travessura de desprender a cabeça do corpo da boneca.

A boneca como brinquedo culturalmente construído, como artefato que remete ao lúdico feminino, passa, desmembrada, a ser componente de outro jogo. Bourriaud (2009) remete que o que nomeamos de realidade é uma criação, ao enfatizar que a partir do cotidiano podem ser inventadas distintas formas de realidade.



Nos trabalhos realizados apesar de não serem utilizadas as linguagens de Iberê Camargo, de certo modo foi visitada a sua temática em torno do brinquedo e do que lhe era significativo. Foi usada a fotografia, linguagem que é familiar ao aluno. A fotografia não como registro de uma verdade definitiva, no entanto como um ponto de vista. Novamente me valho de Bourriaud (2009), e suas acepções sobre realidades construídas.

Assim, considero que, ao disponibilizar o contato com esses espaços que percorrem a arte, promovo a extensão da sala de aula. Tal extensão pode favorecer outras formas de olhar para o mundo. Portanto, posso proporcionar a mediação a partir de Martins (2012, p. 18) como “[...] espaços de recriação da obra [...]”. De onde “viajantes sensíveis trazem cheias as bagagens pessoais na volta dos museus”.

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. *Radicante: por uma estética da globalização*. Tradução Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CARDOSO, Sérgio. O olhar dos viajantes. In: NOVAES, Adauto [et al]. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes do fazer*. Tradução: Efraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARTINS, Mirian Celeste. Expedições instigantes. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Professor: escavador de sentidos. In: MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012.